

## **Plano CEIBAL: A praça como ambiente comunicacional<sup>1</sup>**

Helena Maria Cecilia NAVARRETE<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **Resumo**

A proposta deste artigo é refletir sobre os processos de comunicação a partir do Plano CEIBAL (Plan de Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea): uma política educacional pública uruguaia de inclusão digital e social. Nestes últimos cinco anos, o governo uruguaio entregou aos alunos das escolas públicas e aos professores mais de 570.000 laptops e 6.000 pontos de acesso gratuitos à internet em diferentes espaços públicos do país. Para esta reflexão, nos preocuparemos em compreender a ecologia da comunicação em um importante ambiente do sistema de vinculação social: a praça. O quadro teórico de referência inclui a ecologia da comunicação estudada por Vicente Romano, a escalada da abstração analisada por Vilém Flusser, as capilaridades comunicacionais observadas por Norval Baitello e a Teoria da Mídia de Harry Pross.

### **Palavras-chave**

Ecologia da Comunicação. Capilaridade. Plano CEIBAL. Vínculos. Ambientes comunicacionais.

### **Introdução**

Em 2007, o governo uruguaio, via decreto presidencial, implementa em todo o país, uma política pública chamada Plano CEIBAL (Plan de Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea), com o objetivo de incentivar a inclusão digital e social através de três fundamentos: o educativo, modificando a metodologia de ensino e estabelecendo a modalidade 1:1 (um aluno, um computador); o social, oferecendo igualdade de oportunidades ao acesso e ao conhecimento digital; o tecnológico, permitindo o amplo acesso a computadores portáteis e à Internet.

O projeto de implantação do CEIBAL, iniciado de forma piloto na localidade de Villa Cardal, Florida, em 10 de maio de 2007, garantia a todo aluno da educação primária pública (06 a 11 anos) e a cada professor um computador portátil com acesso universal e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero (SP), e-mail: hnava@uol.com.br

gratuito à Internet. Com o fim do projeto de implantação, o governo decreta, em 2010, a ampliação do alcance do Plano CEIBAL para as escolas privadas e para o ciclo básico da educação média pública (12 a 14 anos). (Plan CEIBAL, online).

A ideia pedagógica do projeto segue o modelo proposto pela ONG “One Laptop Per Child” (OLPC), do Instituto Tecnológico de Massachussets (MIT), ou seja,

... entrega-se o computador à criança em propriedade; aplica-se a crianças de pouca idade (entre 6 e 12 anos); satura-se a população escolhida, de forma que cada criança tenha seu próprio computador portátil; permite-se a conectividade à Internet; utiliza-se software livre e aberto (UNESCO, 2010, p. 24).<sup>3</sup>

Como parte da proposta pedagógica, a OLPC desenvolveu um laptop de baixo custo, com tamanho ideal para crianças e resistente ao uso infantil. Os laptops, chamados de XO, armazenam o sistema operativo e os dados dos usuários em memória flash (não tem disco rígido), possuem áudio, câmera de vídeo, rede sem fio e utilizam o sistema operativo Linux Kernel (software livre que permite trabalhar com baixo custo, autonomia e segurança) e interface Sugar. Atualmente, os alunos trabalham com o modelo XO 1.0 e XO 1.5 e, também, com alguns laptops Magalhães, comprados para os alunos da educação média.

Segundo dados fornecidos por Gonzalo Pérez Piaggio, gerente geral do CEIBAL, durante a palestra de abertura do Encontro “1.edu – Apropiación y Desarrollo: Modelos 1 a 1”, realizado na Universidade da República no dia 7 de maio de 2012, já haviam sido entregues, até essa data, 570.000 laptops a alunos e professores, 6.000 pontos de acesso à Internet, sendo que 2.600 pontos haviam sido disponibilizados em escolas públicas e o restante em praças, hospitais, ginásios, bibliotecas, etc.

Em várias partes do mundo foram e estão sendo implantados projetos de inclusão digital no modelo 1:1, mas o Uruguai é o único país no mundo, até o momento, que cumpriu “mais amplamente os pilares desenvolvidos pela OLPC, o que cria um grande interesse” (UNESCO, 2010, 25).

Ao propor e incentivar uma nova tipologia de mediação, em espaços com diferentes tipos de capilaridades comunicacionais, o Plano CEIBAL acaba influenciando nos campos simbólicos, na história, enfim, na cultura uruguaia.

A proposta desta comunicação é refletir sobre a ecologia da comunicação em um ambiente importante para o sistema de vinculação social: a praça. Para podermos compreender como este ambiente comunicacional viu-se atingido pela força dos meios

---

<sup>3</sup> Traduções livres do espanhol para o português sob responsabilidade da autora.

eletrônicos (laptops e pontos de conexão), consideraremos, como quadro teórico de referência, a ecologia da comunicação, a escalada da abstração, as capilaridades e a Teoria da Mídia.

### **Ambientes Comunicacionais**

A comunicação, segundo Vicente Romano, tem uma dimensão ecológica e ética, já que cria vínculos entre os seres humanos e entre os humanos e as máquinas. Com isso, Romano propõe colocar no centro das preocupações de um novo saber científico, a ecologia da comunicação, a “relação dinâmica entre as tecnologias que regulamentam e desenham o mercado e os efeitos que tem na sociedade” (ROMANO, 2004, p.156). Portanto, para Romano é necessário investigar “a repercussão da técnica na índole da comunicação humana” e, também, os efeitos que a comunicação tecnificada tem na natureza humana, na sociedade e na natureza extra-humana (2004, p.151), deixando de lado, assim, teorias que separam a informação e a comunicação dos contextos social, cultural, temporal e sensorial, privilegiando a padronização que permite a legibilidade das máquinas (2004, p.160). Segundo Romano, a introdução das mídias terciárias “tem consequências para os indivíduos e para a sociedade” (ROMANO, 2004, p.11), já que hoje temos mais aparelhos técnicos, mais comunicação tecnificada, mais informação e menos contato pessoal, o que acaba modificando, para ele, a relação entre a função socializadora da comunicação e a sua função informativa.

Esta teoria desenvolvida por Romano tem seus fundamentos na proposta de Harry Pross sobre a comunicação e o corpo: “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (PROSS *apud* BAITELLO 1972, p.128), ou seja, é no corpo que começa e termina a comunicação.

Ao colocarmos o corpo como mídia fundamental no centro da discussão da comunicação, passamos a compreender que este corpo, pela sua simples presença, gera vínculos, simbólicos ou materiais, que lhe permitem, segundo Baitello, apropriar-se do espaço e do tempo de sua própria vida e da vida de outros. Portanto, para Baitello, os processos comunicativos são construções que pretendem estabelecer ou manter vínculos e, portanto, não podemos mais pensar a comunicação “como simples conexão ou troca de informações, mas necessariamente é preciso ver nela uma atividade vinculadora entre duas instâncias vivas” (BAITELLO, 2008, p.100).

Além de criar vínculos, o corpo, a primeira mídia, para Baitello, é “o catalisador inicial de um ambiente comunicacional” (2008, p.99), já que a sua presença possibilita processos de interação com trocas de informações visuais, olfativas, auditivas, táteis e gustativas. Este intenso processo de comunicação exige, porém, que para funcionar “estejamos no mesmo espaço e no mesmo tempo que o interlocutor” (2005, p.32), portanto “a mesma presença e o mesmo presente” (BAITELLO, 2005, p.65).

O homem, como forma de vencer a morte (tempo) e a ausência (espaço), desenvolveu, ao longo de sua história, outras mídias (ferramentas e aparatos) que lhe permitem perpetuar-se no tempo e no espaço, construindo pontes com maior intensidade.

Harry Pross, em sua obra *Investigação sobre a Mídia*, publicada em 1972, classifica os diferentes meios de comunicação de acordo com os vínculos estabelecidos: a mediação primária ou mídia primária, a mediação secundária e mediação terciária.

Na mídia primária, para Pross, o homem cria possibilidades de vínculos com pessoas que estão próximas dele, através do corpo, de sua presença, de sua expressividade corpórea, ou seja, através dos gestos, mímicas e movimentos.

Menezes, que trabalha com os conceitos de mídia de Pross em seu livro *Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros*, alerta-nos para a importância de, ao pensarmos o corpo como mídia primária, não observarmos apenas as funções biológicas desse corpo, mas também a memória cultural que este comunica, ou seja, devemos tratar o corpo como texto da cultura (MENEZES, 2007, p.28).

O homem não vive apenas no mundo biológico, mas sobrevive, repetimos, num universo simbólico permeado de crenças, narrativas, histórias, religiões, ciências e artes”, que influenciam a história do “uso” e expressões do corpo (MENEZES, 2007, p.28).

Portanto, usamos o corpo para nos comunicar com outros corpos e a forma como o fazemos, como gesticulamos, como falamos, como nos expressamos está influenciada pela cultura na qual estamos inseridos.

A mídia secundária é constituída, para Pross, por

aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...) (PROSS *apud* BAITELLO, 2005, p.81).

O homem, portanto, quando utiliza um suporte, um aparato, para criar e ampliar o alcance de sua mensagem, no tempo e/ou no espaço e/ou na intensidade e, com isso, aumentar as possibilidades de vínculos com um número maior de pessoas, está usando uma mídia secundária.

A mídia terciária, para Pross, é constituída por aqueles meios de comunicação que precisam dos aparelhos técnicos de ambos os lados do processo, ou seja, é necessário um aparato para emitir e codificar e outro para receber e decodificar a mensagem. Desta forma, nas chamadas mídias eletrônicas (rádio, televisão e as redes de computadores), os “emissores e receptores precisam de equipamentos para criação de vínculos” (MENEZES, 2005, p.27).

Para Baitello, as diferentes mídias não são excludentes, pelo contrário, são cumulativas e formam uma memória:

o advento da mídia secundária não suprime nem anula a mídia primária que continua existindo enquanto núcleo inicial e germinador. Assim também, a mídia terciária não elimina a primária nem a secundária, mas apenas acrescenta uma etapa à anterior (BAITELLO, 2005, p. 82).

Porém, se com a mídia secundária e terciária conquistamos uma vitória simbólica sobre o tempo, o espaço e a intensidade, elas também nos trouxeram, segundo Flusser, uma escalada de abstração de alguns sentidos, ou seja, a perda gradativa da presença do corpo nos processos comunicativos, construtores de vínculos com as coisas e com os outros.

Para Flusser, a escalada da abstração, da subtração dos sentidos, que vai do mais complexo ao mais simplificado, permite-nos experimentar quatro tipos de comunicação: tridimensional, bidimensional, unidimensional e nulodimensional.

A comunicação tridimensional, para Flusser, permite ao homem a experiência nas três dimensões: altura, largura e profundidade. Neste tipo de comunicação, estando face a face, o homem pode utilizar todos os seus sentidos para se vincular com os outros e com os fenômenos.

O segundo nível é o plano bidimensional, o das imagens (revistas, jornais, outdoors, cartazes), onde não teremos a presença da profundidade, já que esta comunicação, como afirma Menezes, “não ocorre na presença, mas na ausência do outro” (2009, p.107).

O terceiro plano é o unidimensional: o traço e a linha da escrita. “Textos são cálculos e numerações da mensagem de imagens. São contas e contos” (FLUSSER apud MENEZES, 2009, p.107). A quarta comunicação, que aparece com a tecnologia

binária/digital, é o plano nulodimensional, quando experimentamos um mundo abstrato, não material, construído por números e algoritmos, subtraído da espacialidade, onde o corpo passa a ocupar o espaço virtual do não-espaço, sendo um corpo não-corpo.

Estudando as diferentes e complementares formas de comunicação (com o corpo, com imagens, com linhas e com pontos), constatamos que ao cunhar a noção de escalada da abstração, Flusser parece observar que ela permite aos homens transitar “entre o contato direto com as coisas – e os outros – na sua tridimensionalidade e o contato mediado por representações que sempre captam parte das coisas, isto é, subtraem, reduzem ou abstraem algum aspecto” (MENEZES, 2008, p.113).

Para Menezes, ao desenvolver esta noção de escalada da abstração, Flusser pretendia “indicar o que ganhamos e o que perdemos no trânsito entre os diferentes processos” (2006, p.74) e não exaltar um tipo de comunicação em detrimento de outra, pois cada forma de comunicação tem suas vantagens e desvantagens, desafiando, o homem, a aprender a conviver e a se comunicar nessas diversas dimensões.

No livro “*A serpente, a maçã e o holograma*”, Baitello nos apresenta a noção de capilaridades da comunicação, dando um passo à frente na Teoria da Mídia de Harry Pross e na escalada da abstração de Vilém Flusser. Para Baitello, cada tipo de capilaridade comunicacional cria um tipo de ambiente, ou seja, cada mídia se infiltra, se move, penetra nas porosidades do tecido cultural, de forma e com intensidades diferentes. Baitello divide as capilaridades da comunicação em quatro: capilaridade da comunicação presencial, alfabética, elétrica e eólica.

Segundo Baitello, na capilaridade da comunicação presencial, ou seja, na presença da mídia primária, acontece a “maior receptividade e porosidade às intenções comunicativas” (2010, p.108), porque o corpo nos remete aos fundamentos afetivos de nossa sociabilidade e, por isso, comenta Baitello, dificilmente resistimos à magia produzida pela presença do outro.

A capilaridade alfabética, constituída pela mídia secundária, que tem a capacidade de reinventar “o tempo, a vida, a morte, o homem, o mundo, narrativizando-os em fios infinitos” (2010, p.109), tem, segundo Baitello, a sua força de permeabilidade em declínio, já que a mídia escrita não toca a maioria dos seres humanos, além da escrita alfabética deixar espaço para uma escrita neopictogramática por ser mais amigável e de mais fácil assimilação.

Para Baitello, a capilaridade elétrica, que ocorre na presença da rede elétrica e dos meios terciários, tem o extremo poder da instantaneidade, o que modifica a relação de espaço e tempo, criando no homem a falsa impressão de proximidade absoluta, ou seja, “seu espaço passa a ser o espaço sem distância e afastamento, apenas o espaço da proximidade, um espaço que traz o mundo” até ele (2010, p.111).

A capilaridade eólica está relacionada à terceira catástrofe (Flusser) sofrida pelo homem e que o impele a retornar à vida nômade, já que a sua casa transforma-se em um lugar inabitável por estar desprotegida, esburacada diante dos ventos da mídia. Para Baitello, o nomadismo é um neonomadismo já que o homem exerce o caminhar, não mais com os pés e sim, e apenas, com os olhos.

### **A praça**

Os referenciais teóricos acima indicados ajudam-nos a investigar a importância da praça no contexto de implementação do Plan Ceibal. A praça é um espaço público de importante vinculação social. Na praça podemos ver e sermos vistos, conhecer e reconhecer, dividir, aprender, usar coletivamente o tempo livre, ou seja, comunicar, lançar pontes, construir vínculos, afetos que nos permitam apropriar dos espaços e dos tempos de nossas vidas e dos outros (BAITELLO, 2005).

Para Romano, os espaços públicos, como a praça, são essenciais para a “formação da identidade, da capacidade de relacionar-se com os outros e para a competência comunicativa”, ou seja, o homem necessita da vivência direta com o entorno social e natural, a vivência tridimensional não mediada, que ocorrem nesses espaços, nesses lugares de encontro, de contato, para poder aprender a ser.

Porém, para ele, esses cenários de comunicação social devem desaparecer em função da infraestrutura das telecomunicações, pois os “espaços de experiência humana definem-se cada vez mais de forma medial” (2004, p.19), ou seja, existe uma profusão cada vez maior das relações comunicativas tecnológicas em substituição dos lugares de comunicação intensa. Por esta razão, segundo Romano, devemos “reivindicar, proteger e fomentar os espaços experimentais, os lugares públicos, contra a retificação telemática (rede, tecido) da sociedade” (2004, p.19), pois são esses espaços que garantem a coesão social, a comunicação, o não isolamento, a qualidade de vida de uma comunidade.

Para Romano, é necessário misturar os espaços comunicativos mediais e não mediais, com ou sem acessibilidade, ou seja, devemos proteger-nos da onipresente agressão



medial das mídias terciárias, pois “a telecomunicação não é desejável a qualquer hora e nem em qualquer lugar” (2004, p.21). Segundo Romano, caso o homem não consiga reconhecer essa necessidade, ocorrerá com “a comunicação o que seja tecnicamente factível, induzível” (2004, p.22), ou seja, uma comunicação descontextualizada e atemporal.

As praças uruguaias receberam, através do CEIBAL, antenas e servidores para a conectividade gratuita à Internet, a partir dos quais os alunos podem, com seus computadores pessoais, isto é, com suas mídias terciárias, navegar e experimentar o mundo nulodimensional.

Além disso, o Plano CEIBAL, desenvolve ações educativas e/ou recreativas nas praças, onde se misturam diferentes tipos de relações comunicativas, relações mediais e não mediais, permitindo a constituição de novos ambientes comunicacionais onde se pode transitar entre os diversos tipos de espaços: da comunicação com todos os sentidos do corpo até a comunicação abstrata, numérica.

### **1. Projeto “Habia uma vez um cuento digital”**

O projeto “Habia una vez un cuento digital”, desenvolvido durante o mês de maio, o mês do livro, foi implementado nas praças do centro das cidades de São José, Florida, Flores, Colonia, Río Negro e Montevideo, com o objetivo de incentivar a leitura e apresentar aos familiares a Biblioteca Multimídia CEIBAL, que está disponível nos servidores das escolas.

Esta biblioteca tem, segundo dados do próprio CEIBAL, “1.700 livros de contos e áudio contos, uma bioenciclopédia e uma linha histórica interativa com mais de 700 fichas informativas, 100 registros sonoros e musicais” (Biblioteca Multimídia, online). Durante os encontros, os alunos, além de acessarem os livros digitais e ouvirem histórias, puderam conhecer pessoalmente alguns autores de contos infantis e ver a apresentação de fantoches. Segundo CEIBAL, a biblioteca multimídia “além de ser uma ferramenta que democratiza o acesso à leitura e à cultura, impulsiona a apropriação do uso das XO como ferramenta educativa a ser utilizada tanto dentro como fora do âmbito educativo formal” (Biblioteca Multimídia, online).

Portanto, este projeto, ao trazer para a praça os conteúdos da biblioteca multimídia, incentiva a manutenção ou revitalização dos espaços públicos, criando um novo ambiente



comunicacional, onde os alunos podem vincular-se com sua cidade e com os outros colegas, através de experiências tridimensionais, através do corpo.

Além disso, ao propor uma nova forma de vivenciar os conteúdos digitais que já estavam acessíveis nos servidores das escolas, ou seja, ao propor a encenação dos contos, a leitura através da mídia terciária e a conversa com os autores, este projeto permite que os alunos experimentem, no mesmo espaço e tempo, comunicações mediais e não mediais, transitando entre a comunicação com todos os sentidos do corpo (tridimensional) e a comunicação abstrata, numérica (nuldimensional).



Alunos aguardando a leitura na praça.<sup>4</sup>



Branca de Neve era o personagem anfitrião, San José<sup>5</sup>

## 2. Projeto “RAP en las Plazas”

O Projeto “RAP en las Plazas” surgiu em San José, cidade a 78 km de Montevideo, através dos voluntários do RAP CEIBAL, Red de Apoyo al Plan Ceibal, em 2009 e se estendeu por todo o país.

Segundo Roció Medina, voluntária do RAP CEIBAL, o projeto “RAP en las Plazas” nasceu da ideia de “sensibilizar, promover e avisar que as XO estavam para chegar a aquela localidade. Nós os esperávamos com mesas temáticas: navegação na internet, processadores de texto, fotografia, etc.” Portanto, os voluntários convidavam os alunos e suas famílias, através de autofalantes, avisos em rádio, cartazes nos supermercados etc., a irem até a praça para conhecerem as funcionalidades dos laptops, das XO, que estariam sendo entregues nas

<sup>4</sup> [https://www.facebook.com/PlanCeibal?viewas=0&sk=app\\_2309869772](https://www.facebook.com/PlanCeibal?viewas=0&sk=app_2309869772)

<sup>5</sup> <http://www.diariolarepublica.net/2012/05/propuesta-innovadora/>

escolas. “Comprovamos que ensinando o que lhes seria útil na vida diária, acabariam encontrando utilidade na ferramenta e, assim, a cuidariam mais”, comenta Rocío.

No texto “Red de apoyo al Plan CEIBAL”, os autores afirmam que a ideia de ir até os lugares públicos, em especial as praças, para poder compartilhar o conhecimento, surgiu da observação de que os alunos e, muitas vezes, os seus familiares, iam a esses espaços para conseguirem conectar-se à Internet. “É assim que esses espaços públicos voltaram a servir de ponto de encontro social, e o grupo de voluntários de RAP San José começou a ir a esses lugares com o objetivo de conseguir vincular-se com a comunidade” (Ocho, G. et al, 2010, p. 55).

Rocío relembra, ainda, que, estas oficinas eram também feitas nas escolas, porém com objetivos diferentes:

A diferença é que nas escolas os cursos eram formativos enquanto nas praças eram de sensibilização, o qual era mais informal e permitia que cada pessoa participasse do curso ou atividade que lhe interessava. Além disso, desta forma se aproximavam não só as crianças mas também os pais e os avôs que ajudam os netos a realizarem as tarefas escolares e desta forma, aprendiam que era algo que “eles também podiam usar” (MEDINA, Rocío, 2012).

Em maio de 2009, na praça Vieira de Montevideo, “... mais de 500 pessoas tiveram acesso às XO (sem contar as pessoas que foram acompanhar as crianças, porque senão duplicaríamos o número!)”. No encontro, além de poder entrar na Internet e conhecer o laptop, “Tivemos música, conversas, jogos, perguntas e respostas ...” (ROMERO, Leticia, 2012).



Plaza Vieira – Montevideo – 23/05/2009<sup>6</sup>

6

<https://plus.google.com/photos/115817314187581725432/albums/5339538830899663249/5339539253557906034?banner=pwa>

Os voluntários, portanto, ao perceberem a presença da comunidade (alunos, pais, familiares) nas praças, ao compreenderem a revitalização do ambiente comunicacional, desenvolveram um projeto educativo no espaço público, através do qual, não somente os alunos, mas toda a família, poderia ter experiências com a mídia terciária, com o mundo nulodimensional, sem esquecer de incentivar o mundo não mediado, o mundo tridimensional, através de jogos e música. Além disso, o projeto permite que as pessoas vivenciem a capilaridade elétrica e com isso compreendam que a ferramenta, a XO, pode ser útil, não só para o desenvolvimento educativo das crianças, mas, também, importante para a comunicação e inclusão da família.

Atualmente, o RAP CEIBAL e o Plano CEIBAL utilizam este projeto “naquelas localidades onde a população necessita um maior trabalho para diminuir a brecha digital, por exemplo nas favelas”, afirma Rocío. Nesses dias de sensibilização, os voluntários contam com a presença do “Ceibal Móvil”, caminhão que repara as XO.

O RAP CEIBAL, fundado oficialmente em 2008, surgiu com o objetivo de colaborar com o Plano CEIBAL, "preparando a comunidade para aproveitar melhor as XO e fortalecendo a interação do triângulo de beneficiários: docentes, alunos e pais" (Movilización social para CEIBAL, 39) e se organiza, atualmente, em 7 núcleos autônomos (Toledo, Sauce, San José, Las Piedras, Ciudad de la Costa, Curva de Maroñas, Euskalerría).

Os voluntários ministram cursos, presenciais e a distância, de capacitação para o uso da XO, desenvolvem projetos de conectividade em áreas rurais, ajudam pais e alunos a recuperarem (flashear) os laptops e participam da divulgação de informações através de foros em Internet e blogs.

### **3. Programa “Cultura te da señal” – Cidade de Toledo**

No dia 6 de outubro de 2011, foi lançado oficialmente em Toledo, cidade a 45 km de Montevideo, o programa “Cultura te da señal” na praça da cidade. Este programa “que é executado pela Área de Informação e Bibliotecas, tem como objetivo brindar acesso à Rede CEIBAL de todos os lugares da Direção de Cultura, no departamento de Canelones, e assistir a sua adoção e difusão” (Hoy Canelones, online). Na prática, a Comuna (Estado) de Canelones instala em espaços públicos, como bibliotecas, teatros, zoológicos e museus,



uma antena e um roteador, que permitem que os alunos com laptops do CEIBAL conectem-se à Internet. Com isso, os alunos

... que normalmente víamos na frente das escolas fora do horário de aula, fazendo uso do serviço e caminhando com suas XO ....., poderão resguardar-se em uma biblioteca municipal para navegar na Internet ... Esta alternativa gera novos espaços para os usuários da Rede CEIBAL e também, asseguram as autoridades, criará um estímulo a ambientes públicos dedicados à cultura e ao conhecimento. ( Hoy Canelones, online).

Na cidade de Toledo, o programa, no dia 07 de outubro de 2011, foi instalado na biblioteca que está sendo reformada e fica na praça Dr. Baltazar Brum, no centro da cidade. Além de novas instalações na biblioteca como banheiro, rampa, sala de reuniões, a praça foi totalmente iluminada e ampliada.



Festa de lançamento do programa em Toledo – 07/10/2011<sup>7</sup>

Eduardo Duarte, voluntário do Centro RAP CEIBAL de Toledo, afirmou, em entrevista ao site Comuna Canária, que a conectividade na praça vai permitir que as crianças que hoje vivem no campo tenham acesso aos grandes centros urbanos “As distâncias já não existem, porque o Plano CEIBAL consegue ser uma ponte que aproxima a todos, de forma democrática” (Comuna Canária, online).

Ainda, segundo o site Comuna Canária, “O prefeito de Toledo, Sr. Álvaro Gómez ressaltou que mediante o acesso à Rede CEIBAL desta Praça central, busca-se incentivar a utilização dos espaços públicos como lugar de encontro das famílias e da comunidade em seu conjunto” (Comuna Canária, online).

Importante ressaltar que Toledo é uma cidade com mais de 42.000 habitantes, dividida por uma estrada, com o maior índice de violência doméstica no departamento de

<sup>7</sup> Fotos Eduardo Duarte, voluntário RAP CEIBAL Toledo.

Canelones, três novas denúncias por dia, e que não possui um plano urbano em “damero” espanhol, ou seja, um plano urbano quadriculado que tenha no centro uma praça com uma igreja.

Portanto, o governo local, através deste programa, tenta criar um espaço público de encontro, um nó urbano, onde as pessoas possam se conhecer, descobrindo o que têm em comum com o outro e fomentando, assim, os vínculos, os sentimentos solidários e a qualidade de vida.

Canelones é o único departamento do país que realiza um programa específico de apoio ao Plano CEIBAL. Este projeto é uma ação conjunta com os voluntários do RAP CEIBAL, que atendem semanalmente a comunidade na biblioteca, explicando como funciona o equipamento e as suas utilidades, e conta, ainda, com o apoio do CEIBAL e de ANTEL, empresa pública nacional de telecomunicações.

### **Considerações Finais**

Compreendemos, pelas observações do primeiro ano de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, que a materialização do Plano CEIBAL modificou o cenário comunicacional uruguaio, pois criou novas formas de aproximação do corpo com outro corpo e com os fenômenos, ou seja, novos tipos de vinculação. A presença do computador e da Internet na vida de milhares de crianças, possibilitou uma nova forma de vinculação entre eles e deles com a máquina, criando com isso uma nova ambiência, um novo ambiente comunicacional, com um novo sistema de mediação da mídia.

Esta nova ambiência, marcada pelo cotidiano das crianças (família, amigos, vizinhos, escola) que, também, convivem com equipamentos (computadores), permite que os alunos possam aprender a transitar nos diversos espaços (da comunicação com todos os sentidos do corpo até a comunicação abstrata, numérica) e a trabalhar com os diversos tipos de mídias, possibilitando, assim, que as crianças cresçam aprendendo as vantagens e as desvantagens de cada ambiente comunicacional.

Além disso, ao instalar antenas e servidores em espaços públicos, o Plano CEIBAL fomentou os espaços experimentais coletivos e aumentou o raio de ação da permeabilidade da capilaridade eólica, da casa para a cidade.

A revitalização dos espaços públicos não ocorreu somente pela presença da internet e do computador (capilaridade elétrica), mas pela permeabilidade da leitura de contos, da

produção de currículos (capilaridade alfabética) junto com a diversão das brincadeiras, dos jogos, dos fantoches (capilaridade da comunicação presencial), ou seja, a convivência na praça, com diferentes tipos de capilaridades comunicacionais, favoreceu o desenvolvimento das relações sociais, da vivência coletiva, demonstrando que é possível criar espaços comunicativos com o cultivo de experiências de mediação face a face e de mediação eletrônica, diminuindo com isso a onipresente agressão medial (Romano) e melhorando a comunicação e a qualidade de vida de uma comunidade.

Interessante ressaltar que a permeabilidade da capilaridade eólica foi definitivamente ampliada com a proposta do CEIBAL de levar a conectividade a vários espaços públicos. Não são mais nossas casas que estão inabitáveis por estarem frágeis diante dos ventos da mídia. Independente das críticas que serão encontradas no desenvolvimento posterior da pesquisa em andamento, hoje, no Uruguai, as cidades estão esburacadas e os ventos sopram tão fortes e tão encantadores que fazem com que as crianças marchem, caminhem em direção aos espaços públicos, para poderem surfar, voar com os olhos.

## Referências

BAITELLO Jr., Norval. **A era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BAITELLO Jr., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

BIBLIOTECA MULTIMIDIA CEIBAL. Disponível em:  
<[http://www.cep.edu.uy/archivos/normativa/circulares/2012/actas/Acta24b\\_12.pdf](http://www.cep.edu.uy/archivos/normativa/circulares/2012/actas/Acta24b_12.pdf)>. Acesso em: 25 jun.2012.

Comuna Canária – “Cultura te da señal” em Toledo, Disponível em:  
<<http://www.imcanelones.gub.uy/?q=node/4774>> . Acesso em: 20 jun 2012

Hoy Canelones - “Cultura te da señal”: Bibliotecas municipales contarán con conexión al Plan Ceibal. Disponível em:  
<[http://www.hoycanelones.com.uy/2011/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=356:%E2%80%9Ccultura-te-da-se%C3%B1al%E2%80%9D-bibliotecas-municipales-contrar%C3%A1n-conexi%C3%B3n-al-plan-ceibal&Itemid=>](http://www.hoycanelones.com.uy/2011/index.php?option=com_k2&view=item&id=356:%E2%80%9Ccultura-te-da-se%C3%B1al%E2%80%9D-bibliotecas-municipales-contrar%C3%A1n-conexi%C3%B3n-al-plan-ceibal&Itemid=>)> Acesso em: 20 jun 2012.

MEDINA, Rocío. O projeto “RAP en las Plazas” [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <hnava@uol.com.br> em 21 jun 2012

MENEZES, J. E. de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, J. E. de O. “Incomunicação e Mídia”. In: BAITELLO, Junior et al. (Org.), **Os meios da Incomunicação**, São Paulo: Annablume, 2005. p.25- 33.

PLAN CEIBAL. Portal Educativo. Disponível em: <http://www.ceibal.org.uy>. Acesso em: 20 dez 2011.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

ROMERO, Leticia. RAP en las Plazas se lanzó en Montevideo: ¡éxito total!. Site RAP CEIBAL. Disponível em:  
<<http://rapceibal.blogspot.com.br/2009/05/rap-en-las-plazas-se-lanzo-en.html>>. Acesso em: 20 jun 2012.

UNESCO. **Mobilización social para CEIBAL**. Montevideo, 2010.